



BOLETIM sustentável

Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina

especial economia



Conheça o primeiro banco comunitário da Amazônia

Pg. 4



Telares da Abundância: mitos, fraudes e soluções

Pg. 6



Aprenda com os desafios financeiros da GEN Europa

Pg.12

O dinheiro ou a vida?

"Na Terra há suficiente para que todos possam ter vidas saudáveis, produtivas e felizes, mas não tanto a ponto de satisfazer a ganância de um só homem".

Mahatma Gandhi

Quando se trata da Tripla Origem do Dinheiro, Leonardo Wild diz que estamos tão habituados ao uso do dinheiro que perdemos a consciência não só de suas origens, mas do conceito por trás da palavra "economia". O autor nos convida a pensar simplesmente no intercâmbio econômico e no que esse intercâmbio entrega, seja um bem ou um serviço. Não se trata, portanto, de entregar um valor em dinheiro já que nem sempre o valor que entregamos é igual ao valor que recebemos.

Neste contexto, Wild identifica três tipos de intercâmbio econômico: o obséquio (ou o presente), o próprio intercâmbio (ou a troca) e o dinheiro. A economia do obséquio ocorre quando uma pessoa entrega algo que a outra necessita e o faz sem expectativa de um retorno financeiro; a economia da troca é um intercâmbio de bens e serviços por meio de uma dupla coincidência, quando ambas as partes querem o que a outra está oferecendo para o intercâmbio. Por último, a economia do dinheiro se define como uma simples ferramenta que permite evitar as

limitações da dupla coincidência econômica da troca.

Mas, desde quando deixamos de priorizar as duas primeiras formas de economia? Desde quando deixamos de usar o dinheiro como uma simples ferramenta? Bill Mollison, o eterno pai da Permacultura, arriscou um palpite nos seus escritos ao dizer que muitos poucos sistemas sustentáveis estão desenhados ou aplicados por aqueles que detêm o poder e a razão disse é óbvia e simples: "Deixar que as pessoas organizem seus próprios alimentos, energia e habitação é perder o controle econômico e político sobre elas". Segundo Mollison, todos os problemas essenciais para manter a vida na Terra já foram resolvidos e, por esta mesma razão, talvez nós não devêssemos fazer outra coisa senão aplicar nossos conhecimentos para o próximo século. E para fazê-lo, opina: "Devemos deixar de olhar as estruturas de poder, os sistemas hierárquicos, ou que os governos nos ajudem e idealizar formas de ajudar a nós mesmos".

Dando sequência a esta observação, o Levantamento Empoderado de Fundos que propõem John Croft, do movimento Dragon Dreaming, ressalta uma frase de Gandhi que nos convida a mudar de paradigma - a ver que sim há suficiente para todos os seres deste planeta se nos sintonizarmos com a Terra e refletimos sobre nossa ganância.

John Croft expõe que o conceito da abundância,

muito comum hoje em dia, é o outro extremo da escassez. Nesta edição, mostraremos como a busca pelo extremo levou uma das representantes do Coletivo Mulheres Equador a entrar em um telar da abundância e como as consequências de tomar decisões individuais para cumprir propósitos e sonhos individuais as distanciaram do que realmente estava buscando: o trabalho em coletivo e a suficiência para todos.

A arte de dar sem receber nada em troca foi o tipo de economia praticado e ilustrado no artigo sobre o primeiro fórum organizado para defender os Direitos da Mãe Terra. Iniciativas como Junto Compremos, do Chile e Cestas Solidárias, do México também conseguiram agir em coletivo para propor mudanças nos hábitos de consumo comunitários. O trabalho em rede também se mostrou importante ao driblar os desafios financeiros que quase levaram a Rede Global de Ecovilas à falência, na Europa. E para quem pensa que todo banco é igual, convidamos uma das fundadoras do Banco Tupinambá para compartilhar as histórias e conquistas do primeiro banco comunitário da Amazônia.

Boa leitura!

Henny Freitas
Líder Operacional do Círculo de Comunicação do
CASA Latina

Subscreva-se ao boletim do CASA Latina escrevendo a:
contacto@casa.ecovillage.org

Envie comentários sobre o boletim e sugestões para nossa próxima edição através do e-mail:
hennyfreitas@gmail.com

Economia da Oferenda no Fórum Mundial pelos Direitos da Mãe Terra

por Coyote Alberto Ruz, Guardiã de Visão CASA Latina

Em 6 de abril, convocamos uma reunião para propor a 27 coletivos da sociedade civil mexicana participar da organização do primeiro Fórum Mundial pelos Direitos da Mãe Terra.

“Este evento terá características muito diferentes das que até agora realizamos. Todos somos produtores de festivais, encontros, conselhos de visões, fóruns e somos especialistas no que fazemos. Desta vez, estamos convidando a nos unirmos como uma cooperativa de cooperativas, todas por um mesmo propósito. O projeto é o mais ambicioso que realizamos até agora. Não existem fundos para ele e também não existem expectativas para que haja e quem quiser entrar será aportando o melhor de si mesmo. Será uma oferenda coletiva à Pachamama, nossa Mãe Comum.”



Dos 27 grupos convidados, só um decidiu não participar e um mês depois havia uma lista de mais de 100 organizações inscritas para participar nos três eventos planejados: um Fórum multidisciplinar, o Pachamama Fest e a montagem de uma Aldeia da Paz, as três sedes localizadas no coração da Cidade do México. Duas delas: o Centro Cultural Universitário de Tlatelolco e o Fórum Lindbergh, sem custo algum, depois de árduas negociações com a Universidade do México e com o governo da Cidade. Tivemos que alugar somente a Plaza de Todos e um grupo de empresários assumiu o risco de realizar a produção do Pachamama Fest, com 16 grupos musicais contratados.

A Comissão Nacional de Direitos Humanos ofereceu 6 passagens de avião, de uma lista de mais de 20, para os palestrantes mais

reconhecidos provenientes de outros países. Todos os demais vieram por conta própria. Conseguimos alojamento para todos em quartos de hotel, pousadas e casas de amigos sem nenhum custo para nossa organização. Duas hortas comunitárias ofereceram duas refeições para mais de 300 pessoas e os Hare Krishnas ofereceram as demais, durante os três dias do fórum multidisciplinar. Para a mobilização dos convidados, uma empresa ofereceu 5 táxis elétricos e uma das organizações um transporte para 20 passageiros.



O Festival Cúpula Tajín ofereceu 1000 cadeiras, painéis, esteiras, equipamento de som e várias empresas doaram a impressão de dezenas de lonas, pôsteres, panfletos e informativos para a divulgação. Rádio, TV e redes sociais informaram sobre o Fórum por mais de um mês e um grupo de profissionais de videomapping ofereceu criar um espetáculo que envolveu 160 pessoas e teve um custo de vários milhões de pesos (moeda local). Tudo isso como uma oferenda para a Mãe Terra.

A Aldeia da Paz consistiu na montagem de 3 tipis, três lonas gigantescas, cadeiras, mesas, um domo de bambu, um cenário onde tocaram 15 grupos, mais de 100 stands, mostras de todo tipo, oficinas, cerimônias, danças e teatro gratuitos e tudo foi conseguido apenas com os apoios de cada organização. Entre os três eventos, houve mais de 15.000 participantes e contamos com 70 voluntários para toda a produção.

Se calculado monetariamente, o custo de todo o Fórum teria sido de aproximadamente 10 milhões de pesos (aproximadamente US\$36 mil). Nenhuma das mais de 300 pessoas que trabalharam na organização do evento por vários meses recebeu um tostão sequer, nenhuma das

organizações colocou mais que o seu trabalho, seu rezo e suas melhores intenções. Todos nós oferecemos nosso serviço sem esperar nada em troca e os resultados deste esforço coletivo já estão sendo visualizados a nível nacional e internacional. Comprovamos que unidos, nada é impossível.

Como um dos resultados do Fórum, criou-se uma Proposta de Lei pelo reconhecimento da Mãe Terra como uma entidade viva com direitos próprios, apresentada dia 7 de julho, na Comissão Parlamentar para ser considerada como nova emenda constitucional a ser redatada para a Cidade do México. No dia 20 do mesmo mês, uma representante do Fórum levou à Assembleia Geral da ONU uma pasta com as memórias do encontro que logo se integrou à plataforma mundial da “Direção de Diálogos: ‘Harmony with Nature’”, das Nações Unidas, para preparar uma proposta com a finalidade de adotar legislações biocêntricas que vão substituindo as atuais leis com enfoques exclusivamente antropocêntricos. No mês de dezembro, vários membros do Fórum foram convidados para ir a Cancun participar da Reunião da Conferência de Partes COP 13 e do Convênio sobre Diversidade Biológica (CB), a fim de apresentarem os acordos do Fórum nestas instâncias internacionais.



Ainda que existam diferentes redes há alguns anos recolhendo assinaturas e nos atualizando com informações sobre as campanhas pelos Direitos da Mãe Terra, como a Global Alliance for the Rights of Nature, Rights of Nature Europe, Avaaz e o Pacto Mundial Consciente, atualmente estamos buscando a unificação dessas iniciativas para obter um maior impacto a nível mundial.

Para mais informações, contactar ao Coyote Alberto Ruz: coyotealberto@gmail.com

Banco Tupinambá

O primeiro banco comunitário da Amazônia

por Maria Ivoneide, Amiga do CASA Brasil

A experiência dos bancos comunitários no Brasil começou em 1998 com o Banco Palmas, na comunidade do Conjunto Palmeira, em Fortaleza-Ce. De lá para cá já foram criados 103 bancos comunitários em 21 Estados do Brasil, integrando a Rede Brasileira de Bancos Comunitários.



A maior característica de um banco comunitário é que a própria comunidade é proprietária e gestora do banco, além de criar no território um circuito econômico local, incentivando a produção e o consumo de bens e serviços produzidos na comunidade. Para ajudar a incentivar o consumo interno, todo Banco Comunitário atua com duas moedas: o Real (moeda nacional) e a moeda social (moeda que circula apenas na comunidade).

Na cidadezinha de Baía do Sol, região amazônica brasileira, a instituição se chama Banco Comunitário Tupinambá e a moeda social se chama MOQUEIO (em homenagem ao processo indígena de preservação do pescado). O banco é administrado pelo Instituto Banco Tupinambá, com sede na localidade. Vale ressaltar que a comunidade de Baía do Sol, com 8.000 habitantes, não tinha serviços bancários e

financeiros, passando a ser o Banco Tupinambá a única opção da comunidade local e circunvizinhança (ribeirinhos amazônicos).

Coube ao Instituto Banco Palmas (Fortaleza-Ce) fazer a capacitação dos agentes, caixa e gerentes de crédito do banco, além de reuniões de sensibilização junto à comunidade. Após um longo processo de capacitação, o Banco Tupinambá recebeu do Instituto Palmas a chancela de funcionamento e passou a ser o 34º banco comunitário integrante da Rede Brasileira de Bancos Comunitários e inaugurado em 16 de janeiro de 2009.



Os serviços do Banco Tupinambá são:

- Microcrédito produtivo para pequenos empreendedores;
- Crédito para o consumo local, sem juros, em moeda social;
- Abertura de conta corrente e poupança;
- Recebimento de contas, convênios e boletos bancários;
- Pagamento de benefícios do INSS (Instituto Nacional de Seguro Social), Bolsa Família, FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de

Serviço), Seguro pesca, PIS (Programa de Integração Social) e aposentadorias

Em oito anos de existência, o Banco Comunitário Tupinambá se desenvolveu através de seus três eixos centrais: Empréstimos produtivo e de consumo; Controle Social e Correspondente Bancário, conseguindo elevar o consumo interno de 2% para 93% num crescimento espetacular.

Com esse trabalho à frente da comunidade de Baía do Sol, o banco já ganhou oito prêmios de repercussão nacional e internacional e hoje está concorrendo ao prêmio Melhores Práticas Mundiais, promovido pela Organização das Nações Unidas.

O maior desafio do Banco Tupinambá é tornar a comunidade totalmente independente de serviços. Para isso, em novembro de 2016 começamos a oferecer para a comunidade o serviço do E-dinheiro - uma ferramenta 100% digital dos Bancos Comunitários.

Mais informação:

<http://bancotupinamba.blogspot.com.br/>



Baixe o aplicativo



GOOGLE PLAY

Faça seu cadastro!

E-Dinheiro

CPF, CEP e N° Celular

Vá ao Banco Tupinambá
Para mais informações!

Instituto
Tupinambá



Da eco-no-mia à 'eco-sim-nossa': a reintrodução da ética em nossas relações e intercâmbios

por María Belén Mora, Conselho de Economía Solidaria CASA Colômbia

A crise multidimensional que estamos experimentando atualmente é uma oportunidade para questionar o funcionamento dos mecanismos da nossa sociedade com a intenção de encontrar soluções inovadoras aos problemas que nos dizem respeito. Uma coisa é clara: as mudanças exigem um trabalho de bastidores ao redor das questões que são fundamentais para sustentar a Vida.



A partir da perspectiva da Economia Solidária, a transformação do nosso paradigma exige questionar integralmente as ideias aprendidas que nos foram apresentadas como "verdadeiras" durante mais de dois séculos através da nossa educação, nosso consumo etc. Trata-se do reconhecimento que precisamos "retomar nossas vidas" nos reconciliando com a nossa responsabilidade frente à Natureza e às nossas relações.

A relação no centro da economia

Propõe-se a reprogramação da nossa mente e a organização das nossas atividades cotidianas - empreendimento, consumo, intercâmbio - em torno a princípios e valores que propiciem o cuidado à Vida.



Durante o 'Chamado da Montanha 2016', na Colômbia, o Conselho de Economía Solidária aproveitou a oportunidade para refletir sobre as bases de um novo sistema de intercâmbio que remodelasse nossa relação com o dinheiro. Decidimos então dar vida à "ekosinuestra" (eco-sim-nossa, de tradução livre) e conseguimos colaborativamente definir seu propósito: "Gerar bem comum que contribua para a construção de um coletivo do Bem Viver para o mundo e articular tudo o que ainda não sabemos".

Em consenso, propusemos experimentar a economia do obséquio (ou, do presente) dentro do 'Chamado'. Isso significou dizer que, o SIL (Sistema de Intercâmbio Local) "ekosinuestrico" funcionaria a partir da base de dar ou receber presentes sem a necessidade de reciprocidade direta. Refletimos e geramos juntos uma carta de valores, amarrada a acordos amorosos, que pudesse favorecer o intercâmbio no SIL. Entre os principais, se encontram: a fraternidade, a criatividade, o amor, a consciência e a solidariedade.



Assim, cada gesto, cada hábito da nossa vida cotidiana se torna mais consciente e agradecido. Honrar os compromissos se faz fundamental. Refletir sobre nossas verdadeiras necessidades para dar-lhes prioridade na hora do intercâmbio, se transforma em um ato permanente.

Mais tarde, conformamos equipes de trabalho encarregadas de sistematizar, socializar e promover a implementação do 'SIL Ekosinuestra' adaptado ao 'Chamado da Montanha'. Entramos em acordo também sobre a utilização de ferramentas simples para o registro de novos

usuários, a identificação do sistema e o armazenamento de informação.

Finalmente, demos uma olhada geral no SIL compilando os principais passos a seguir - replicáveis por outros grupos - para criar um SIL local. Assim, as 'pérolas' do Conselho de Ekosinuestra foram: a definição do propósito da Ekosinuestra; a geração colaborativa de acordos amorosos; o estabelecimento de parâmetros para o registro de membro do SIL; um passo a passo para a implementação de Ekosinuestas locais.



A sistematização da informação e a metodologia serão aplicadas pela primeira vez no Encontro de Economias Alternativas que será realizado no dia 1 de julho de 2017 em Quito, Equador. Também serão socializados os resultados e a sistematização do evento no grupo "Consejo de Ekosinuestra - Llamado de la Montaña", com o fim de incentivar, motivar e informar aos que desejam experimentar uma nova forma de intercâmbio.

O convite da Ekosinuestra é que nos arrisquemos a criar um ecossistema de Ekosinuestra diverso e interdependente a várias escalas - bairros, comunidades locais, biorregionais, nacionais e internacionais - para favorecer a criação de uma resiliência econômica em harmonia com a Mãe Terra.



Telares da Abundância: mitos, fraudes e soluções!

por Henny Freitas, EarthCode Project

Também chamados de tecedoras de sonhos, círculo da prosperidade, flores, mandalas, células, espirais, fractais e intermináveis sinônimos, os telares da abundância são sistemas de financiamento ágeis que atraem mulheres de todas as idades, pois são convidadas a 'tecer' uma mandala através da espiritualidade e de uma entrega financeira inicial com a promessa de receber oito vezes a mais do que foi investido.

Velho conhecido de estruturas piramidais, o sistema funciona em forma de fractal e conta com cada vez mais adeptas no mundo. Por estar de moda outra vez em países latino americanos, convidamos o Coletivo Mulheres do Equador, para compartilhar sobre a experiência que tiveram com o movimento. A entrevistada, que preferiu não ser identificada, entrou neste movimento há alguns meses e conta que depois de algumas semanas cada uma delas, em diferentes etapas do processo, se deu conta como já vinham suspeitando e intuindo profundamente que o

sistema no qual estavam imersas não era sustentável, muito menos solidário, e juntas decidiram destecer o telar.



Boletim Sustentável - Como foi o começo da experiência de participar deste movimento supostamente focalizado no empoderamento feminino?

Coletivo Mujeres, Ecuador - Olhando o movimento por dentro, pude sentir e ver nas demais mulheres que o convite a um telar desse

tipo ao início nos parecia fantástico. Experimentei como a 'oxitocina' corria por nossos corpos, inundando-nos de amor a cada passo, em cada palavra lida e compartilhada nos chats de whatsapp e em reuniões virtuais. A sede de compartilhar com outras mulheres, de escutar-nos e assim apoiar-nos a realizar nossos sonhos, de encontrar-nos seja virtual ou fisicamente para trabalhar juntas e a possibilidade de sair das crises econômicas pessoais, despertou em nós muitos sentimentos e sonhos enterrados durante anos pelas preocupações econômicas, problemas pessoais ou simplesmente pelas atividades do dia-dia que nos vemos obrigadas a fazer para sustentara nós mesmas e as nossas famílias.

BS - Isso tudo realmente soa fantástico, mas o que aconteceu ao longo do tempo?

CME - A cada semana que passava, tive acesso a mais informação. Li comentários de mulheres de outros países, fiquei sabendo de telares que não

(segue na página 7)

ESTÁ CHEGANDO UM ENCONTRO PELA RESILIÊNCIA PLANETÁRIA...



(começa na página 6)

conseguiram se fechar no momento esperado, descobri movimentos "estranhos" no Chile de mulheres que queriam parar e logo soube que desfizeram o telar. Li perguntas e questionamentos de muitas mulheres sobre a exponencialidade do sistema e artigos compartilhados sobre economia sagrada. Por outro lado, escutei mulheres convidando às que tinham dúvidas a passar por cima dessas dúvidas com a palavra mágica: CONFIA. Quatro ou cinco semanas depois que o movimento chegou ao meu círculo de amigas, já havia campanhas inteiras nas redes sociais de pessoas próximas explicando o funcionamento básico desse sistema, que agora sabemos que se chama "Sistemas de Ponzi".

BS - Quando foi que a palavra 'confia' deixou de fazer sentido para vocês?

CME - Compartilhando esses sentimentos com as amigas mais próximas foi que compreendemos que o sistema do telar não produz dinheiro, somente o redistribui para os pilares de cima, fazendo com que umas poucas recebam e outras fiquem à espera. Até aquele momento no Equador, ao redor de 16 mulheres haviam recebido o dinheiro inicial e outras 224 aguardavam o processo. Se o fractal continuasse seguindo essa lógica "ideal" considerando o tempo lunar, em duas semanas seríamos 64 as

que receberiam e 896 as que estariam em lista de espera. Duas semanas depois, a proporção seria de 256 a 3584.

Esses números diminuiriam notavelmente com a nossa saída, mas o movimento seguiu e atualmente não tenho a menor idéia de quais serão as cifras. Com certeza já foram ultrapassadas ou, assim como nós, também decidiram destecer o telar.

BS - Como conseguiram destecer o telar e o que isso significou para vocês?

CME - Com a ajuda de um coletivo de mulheres chilenas que decidiram destecer algumas semanas antes de nós. Além de entender que este sistema era completamente insustentável, entendemos que mais mulheres em busca pela cura e empoderamento seguiriam endividando-se, gerando problemas familiares ou caindo em mãos fraudulentas. Destecer significou muitas coisas: devolver ou nos comprometer em devolver o dinheiro que havíamos recebido (em alguns casos simplesmente não recebê-lo), perder dinheiro, interromper o processo de outras centenas de mulheres e deixar de buscar e convidar mais mulheres interessadas em entrar no telar. Tudo isso para buscar outras maneiras sustentáveis e solidárias de apoiar-nos a realizar nossos sonhos de maneira coletiva.

BS - Quais foram as lições aprendidas através desta experiência?

CME - Cegas por nossas necessidades pessoais e crises econômicas, todas acreditavam que isso era possível. Sei que nenhuma das que entramos neste sistema fizemos algo para enganar as outras, mas ficou claro que isso funciona como uma pirâmide e que as consequências são muito graves no tecido social. No meu caso eu tive um monte de aprendizagens dentro e "fora" do telar, a mais intensa foi a de aprender a confiar na minha intuição mais visceral. Vi que a ansiedade e o estresse que me acompanhavam dia e noite eram um sinal e através da sabedoria do meu corpo eu pude experimentar 'agir' e a calma voltou para mim. Agora estamos em uma nova etapa. Somos mulheres empoderadas, caminhando juntas, colocando nossas habilidades e recursos pessoais a serviço do coletivo, gerando propostas criativas para nos ajudar a recuperar o dinheiro perdido e ir além - ir em busca de um mundo onde todos e todas têm o necessário para ser felizes e saudáveis.

*Sistema de Ponzi - Um esquema Ponzi é uma sofisticada operação fraudulenta de investimento do tipo esquema em pirâmide que envolve o pagamento de rendimentos anormalmente altos aos investidores. Saiba mais [aqui!](#)

CHAMADO PELA RESILIÊNCIA PLANETÁRIA

Encontro
da
GEN



Conselho
de
Visões



Encontro
da
CASA latina

ecco
Brasil 2017

de 6 a 11 de Outubro
Alto Paraíso de Goiás
Chapada dos Veadeiros (BR)

Mais informações em breve:
ecco2017@casa.ecovillage.org

Juntos Compremos

por Marjorie Nieto e María José Valenzuela, CASA EcoChile

O Armazém Cooperativo “Juntos Compremos” surge ao repensar a responsabilidade sobre o impacto do nosso consumo: um modelo alternativo de compra consciente.

Já se passaram pouco mais de cinco anos desde que começamos a nos organizar para encontrarmos uma maneira responsável de abastecer nossas geladeiras em Santiago do Chile. Nos incomodava ter cada vez menos acesso a pequenos armazéns, ou negócios de bairros, arrasados pelos grandes monopólios de abastecimento de alimentos do mercado tradicional. Ao mesmo tempo, víamos como cada vez mais perdíamos de vista a possibilidade de saber de onde provinham os produtos que comprávamos.



A necessidade de ser mais coerentes com nossos hábitos de consumo nos motivou a iniciar um grupo de pessoas para formar uma comunidade de compra consciente. Nos coordenamos através de uma plataforma virtual que desenhamos para fazer compras mensalmente. Isso nos permite compartilhar mais, organizar encontros e abastecer nossas despensas a cada mês.

A iniciativa foi crescendo em uma rede que inclui membros consumidores e provedores. Ao longo desses anos centena de pessoas foram se conectando através da rede, o que nos possibilitou optar por uma conformação jurídica como uma cooperativa de consumo. Isso nos permitiu abrir um armazém e, todo o mês, acessamos e distribuímos os produtos com mais opções, melhoramos a difusão, preferimos o consumo local e nos tomamos conscientes sobre até onde queremos que caminhe nossa economia construída entre todos e para todos.

O que é o Armazém Cooperativo “Juntos Compremos”?

Somos uma cooperativa de serviços que nasce como alternativa para satisfazer as necessidades de abastecimento de alimentos da comunidade. Principalmente da distribuição de produtos baseados nos fundamentos da agroecologia e do comércio justo, fomentando o consumo consciente e responsável dos produtos.

Criamos um senso comum de comunidade através do vínculo entre produtores e fornecedores com a comunidade, sobre seus produtos e seus múltiplos impactos.

- **COOPERATIVA**
O armazém está feito por pessoas para pessoas.
- **FOCADO NO LOCAL**
Preferimos produtos e serviços locais, fortalecendo a comunidade da qual somos parte.
- **PRINCÍPIOS DO COMÉRCIO JUSTO**
Queremos que tod@s envolv@d@s tenham condições justas.
- **PRODUTOS AGROECOLÓGICOS**
Além do orgânico, preferimos os produtos que tenham um manejo agroecológico.



• CONSUMO CONSCIENTE E RESPONSÁVEL

Tudo o que consumimos tem um impacto local e global, por isso fomentamos o consumo consciente e responsável.

• COMUNIDADE VIVA E ABERTA

Somos uma cooperativa aberta e que constantemente se encontra crescendo e melhorando.

O que nos diferencia de outros armazéns e supermercados?

Enquanto o Armazém Cooperativo “Juntos Compremos” procura ser rentável em termos econômicos a fim de manter-se funcionando, seu objetivo principal não é a acumulação de capital, mas sim de benefícios tanto para os sócios e parceiros como para a comunidade em geral.



O primeiro benefício é oferecer acesso, a um preço acessível, a produtos de origem local com uma produção responsável em termos ambientais e sociais, de preferência agroecológicos, ajudando a capacitar pequenos agricultores, fortalecendo a economia local e demonstrando amor através das nossas ações e cultivando relações duradouras com nossos cooperados, clientes e fornecedores.

Mais informação:

Cestas Solidárias - do individual ao coletivo

por Claunnia Ayora Vazquez, Amiga do CASA México

A Tribu Libernor não tem sido um lugar aonde ir, mas sim uma ideia que se compartilha. Uma ideia que surgiu há 5 anos no meu caminho pela docência. Primeiro, com a intenção de entregar uma tribo às mães solteiras e trabalhadoras, onde cada mãe pudesse se alternar no cuidado dos filhos de outras mulheres durante a semana e, assim, ter a tranquilidade de que seus pequenos estivessem acompanhados.



Com o passar do tempo, a Tribu Libernor já não era somente um coletivo maternal. As ideias cresceram a partir do desejo de muitas famílias por renunciar o individual e passar ao coletivo. Em muitos Estados e países foi brotando a necessidade de recuperar a força que te dá o acompanhamento de uma família numerosa, amorosa, e cheia de saberes.



As atividades em tribo têm sido muitas e sempre variam a partir de propostas que surgem de adultos e crianças, como: adotar uma árvore da comunidade; cozinhar entre várias; ser mães 'elefantinhos' apoiando umas às outras com os filhos; trocas itinerantes de comida, roupa e serviços nas cidades de Xalapa, Coatepec e Xico (México); uma listagem viva e confiável de serviços; aprendizagem familiar em minhocompostagem comunitária; bordar pela

paz; doação de berços para as novas mães da tribo; oficinas de contos em eventos; resgate da cultura de parteiras e até poder exigir justiça nos sentindo acompanhadas.

Antes, não nos atrevíamos a fazer muitas dessas coisas. Nos sentíamos sozinhas, ou pensávamos que eram coisas complicadas sobretudo se tínhamos crianças pequenas. Seguimos crescendo como tribo: são mais de 3900 pessoas que, de forma virtual e presencial, comungam com a intenção firme de aproximar nossos pequenos e nós mesmas a uma cultura do Bem Viver.

Não por necessidade econômica, não por moda, não somente porque o país necessite nesse momento, mas sim porque decidimos que seria nossa forma de vida e a congruência tem sido a nossa palavra.



Como mães, famílias, pessoas interessadas em uma cultura do bem viver e também do 'bem comer', estamos sendo a ponte perfeita entre consumidores e produtores locais que, através do respeito pelo entorno e pelo que semeiam, nos entregam suas delícias livres de químicos.

E como sabemos? Nos damos à tarefa de visitá-los, comer com eles e aproveitar de pertinho as pessoas que estão por de trás da abóbora, da alface, do ovo, da truta e do milho. Já são mais de três anos compartilhando quinzenalmente cestas solidárias de produtos da Bacia do Pixiquiac, onde as palavras: "EU QUERO", ao pedir as cestas, bastam para reencontrar-nos com a solidariedade e com o compromisso de compra local, apoiar os produtores e comer saudavelmente. Não necessitamos nada mais.



Nós pedimos, eles colhem pra gente e nos encontramos - uma aprendizagem domingueira constante, onde reconhecemos a imperfeição perfeita da fruta e verdura da época, sua vida efêmera em ocasiões, a divertida beleza amorfa do que comemos e o estarmos conscientes do grande, grande, mas grande esforço que é recebê-las comodamente perto das nossas casas depois de um longo caminho como sementes.

Em cada encontro, que agora podemos chamar de 'bom comer', compartilhamos saberes de mãos cheias e vamos idealizando espaços de convivência familiar para conhecer mais produtores, cozinhar com seus produtos e pouco a pouco irmos descobrindo a nós mesmos como produtores, campesinos, artesãos. Dias de campo, rádio, revista... tudo vale para poder compartilhar com mais pessoas a esperança de que um outro mundo é possível, um mundo onde caibam todos os mundos.

Mais informação: tribulibemor@gmail.com



A arte da Reciprocidade Desinteressada

por Caro Miranda, CASA EcoChile

Ao observar que tanto os preços econômicos das coisas como também o índice emocional sobre algo são valores, os princípios éticos e morais de uma pessoa, ou grupo de pessoas, também os são. O essencial, portanto, é gerar espaços de diálogo sobre valores dos assuntos, das coisas e das pessoas.

A economia é uma ciência muito antiga que em suas origens consistia em cuidar da administração dos assuntos da casa. Logo, a economia capitalista se globalizou e tirou a gestão das famílias. Em seus lugares, as deus e organismos imaginários, fantasiosos e, ademais, muito criativos. Partindo de uma matemática abstrata, de suposições e de uma série de outras teorias irreais, levaram a economia a um mundo contaminado, com o aumento de doenças crônicas e a diminuição da idade em que se adquirem essas doenças.

Se por um lado os autoproclamados governos usam índices econômicos para avaliar se vamos bem encaminhados e tomamos boas decisões (como o PIB - Produto Interno Bruto - um indicador que não fala das pessoas, nem como elas estão, nem da sua felicidade, nada); por outro lado, graças a seu cérebro flexível e criativo, a humanidade segue buscando alternativas para mudar o modelo e reformular, do macro ao micro, os valores humanitários e naturais em que estamos co-construindo a vida. Há a tentativa de usar bancos de tempo, cooperativas de consumo, moedas alternativas, trocas... Com isso, podemos observar duas grandes linhas de desenvolvimento econômico: uma é o modelo atual junto a todas as alternativas mencionadas, incluindo a troca. Outra é a proposta apresentada pelos "sons vibratórios da Terra".

Em que se diferenciam?

Em mapunchezugun (ou, sons vibratórios da Terra), a língua falada na zona sul do Cone Sul da América, há o conceito de trafkin, ou intercâmbio. Fala-se muito do trafkin como sendo espaços de intercâmbio, onde uns podem ser mais cerimoniais que outros. Uma abuela me disse uma vez que antigamente o intercâmbio era uma necessidade, quase que uma obrigação.

Hoje muitos espaços de intercâmbio mantêm o mesmo pensamento de colocar valor nas coisas e não colocar-se em postura de dono da vida - igual que muitos sistemas alternativos emergentes que no fundo não estão fazendo uma mudança de paradigma, nem gerando um novo paradigma. Estão baseados nos mesmos princípios de ver a natureza como produto e da autoproclamada autoridade humana em usar esses recursos naturais em contrapartida de precificá-los, vendê-los ou trocá-los.



Outra palavra em mapunchezugun é mañun que se assemelha a ayni, na cultura andina.

Mañun se usa tanto para agradecer profundamente como também para mostrar reciprocidade, ou pedir que siga o movimento da reciprocidade e da gratidão recíproca. O mañun é a arte de dar sem esperar nada em troca, um dos pilares fundamentais da antiga humanidade. É a arte de confiar na vida, um espaço cerimonial, íntimo e profundo, onde não se troca isso por aquilo, colocando valor a isso para

trocar pelo valor daquilo. Ao contrário; é um espaço de presentear, de dar e de não duvidar que em algum momento falte algo, ou que haverá escassez. É a arte da abundância para todos e todas. O karma yoga é um conceito oriental similar: a ação devocional desinteressada.

Mañun nasce do coração e reconstrói as sociedades desde o pensamento mais básico: se tem, tem. Se não tem, não tem. E se tem, se compartilha. Uma das éticas da permacultura é 'compartilhar os recursos'. De certa forma, esse conceito já nasce decadente ao usar a natureza como recurso. Por outro lado, o 'compartilhar' esses recursos é algo que pouco se faz entre os permacultores. Esta é, portanto, a oportunidade que temos para fazer uma mudança real do centro do coração, uma mudança de mentalidade profunda para viver com a vida, na vida.

O que tem sustentado essa forma ancestral, milenária, autopoética, regenerativa, resiliente e saudável de pensar, é principalmente a saúde - vista a saúde como concepção integral e holística do ser. Nos tempos antes do colonialismo, nos lugares aonde se vivia a arte da reciprocidade desinteressada, quase não havia doenças e as doenças crônicas eram muito poucas.

Sim, ainda custa entender essa concepção. Até hoje, se fazemos oferendas espirituais é para pedir algo: chuva, saúde, amor... Já não oferecemos simplesmente por oferecer, sem pedir, sem esperar. O pensamento que fica é: o que acontece nos lugares aonde realmente há escassez? A verdade é que não há escassez de nada a nível planetário, somente uma distribuição inadequada. Tem que se fazer o possível para redistribuir a abundância planetária que temos. E aqui existe um trabalho grande para frente!

Meritocracia Econômica

por Fernando Ausin, CASA Nômade

Nosso programa educativo em direção à sustentabilidade no México, BioTU, organiza sua economia mediante uma metodologia chamada meritocracia. A meritocracia pode ser definida como algo que, mediante seus méritos, vai acumulando valor. É um método muito simples e prático para distribuir nossa renda de uma maneira justa e equitativa ao trabalho realizado.



Geralmente se define como um termo político; se utiliza como sistema de governança que premia postos de responsabilidade baseados em função dos méritos pessoais. Seu propósito é evitar o nepotismo e favoritismo que tanto caracterizam os meios de governo. Em vez disso, favorece o mérito e o desempenho pessoal.

Em termos ancestrais, a meritocracia foi muito utilizada na organização sociopolítica de grandes culturas pré-hispânicas Anahuacas. Na grande Tenochtitlán (majestosa cidade que agora conforma a Cidade do México), por exemplo, os cargos públicos se determinavam mediante o reconhecimento social das pessoas e pelas contribuições que essas pessoas faziam ao bem-estar social. Comerciantes de nenhum tipo - a diferença notável dos políticos de hoje em dia - podiam ter cargos governamentais já que se sabia que seus interesses seriam de maneira pessoal. Só podiam ser governantes os que haviam demonstrado meritocraticamente um compromisso real com as pessoas e, assim, merecer título de nomeação.

Nossa organização, portanto, utiliza a meritocracia de maneira econômica. Isso significa dizer que repartimos nossos ingressos baseados nos méritos das pessoas participantes. A renda é dividida da seguinte maneira: uma porcentagem é distribuída como comissão que se destina à(s) pessoa(s) que obtém o patrocínio ou a venda de serviços; uma porcentagem maior

dos ingressos fica na organização para os gastos administrativos e operacionais e o restante se distribui meritocraticamente entre os participantes.

Como diferenciamos o trabalho de um em relação ao trabalho do outro?

Esse exercício pode parecer árduo de se colocar em prática já que discernir o trabalho de um em relação ao trabalho do outro não é tarefa fácil. Para isso, vimos a necessidade de separar a metodologia em duas partes. Primeiro é necessário contar com um facilitador de meritocracia (geralmente @ coordenador@ de projetos). Essa pessoa está encarregada de registrar os participantes, anotar os compromissos que prometem cumprir anterior ao evento e resumir os resultados alcançados de maneira pessoal com as porcentagens aproximadas através de um rascunho de meritocracia. A partir dele é fundamental contar com uma segunda parte: uma reunião de debate e consentimento. Aqui é onde todos os membros presentes advogam de maneira pacífica as porcentagens que eles consideram justas e equitativas guiados por um moderador*.

Não tem sido fácil implementar essa técnica em uma sociedade que se acostuma a um



'caciquismo' econômico ou que depende de chefes para determinar salários. Sim, é requerido um esforço no que diz respeito à implementação ao mudar dogmas e paradigmas... mas, ao mesmo tempo, rompe com modelos econômicos antiquados e opressores. Portanto, é um exercício brilhante para fortalecer laços de colaboração entre os que buscamos maior transparência, interdependência e repartição equitativa de recursos - além de reconhecer entre todos, os trabalhos realizados. Em nossa experiência geralmente as rodas de debate e consentimento, ao invés de serem agressivas e egoístas, terminam sendo compassivas e compreensivas. Os participantes reconhecem que os seus trabalhos funcionam em base aos trabalhos dos outros e que sua remuneração depende do valor do mérito que ele ou ela tenha cumprido.

Amiga próxima da sociocracia (tecnologia social de governança), a meritocracia econômica está desenhada para ser fluida e adaptar-se às circunstâncias operacionais das organizações e às pessoas que a co-desenvolvem. Mediante a tecnologias como estas, podemos ajudar as nossas organizações a se adaptarem às mudanças macroeconômicas e sociopolíticas que hoje em dia atravessamos como espécie humana neste planeta. Para terminar, podemos parafrasear nosso amigo Charles Darwin: "Não são os mais fortes ou poderosos os que sobrevivem, senão os que melhor se adaptam às mudanças".



*É importante contar com um @ moderador@ que possa perceber os alcances globais da organização.

Os desafios financeiros de uma rede continental: Um ponto de vista Europeu

por Robert Hall, GEN Europa



Para mim, como um ativista de ecovilas, as redes entre comunidades são essenciais para nos mantermos relevantes e inovadores em relação ao que o mundo necessita para curar-se a si mesmo. Uma ecovila isolada logo se desmantelará perante o sistema ou se enforçará na corrente que a rodeia. É evidente, portanto, que se eu quero ver mais redes nacionais de ecovilas necessito propor maneiras realistas para financiar encontros e atividades comuns. As maneiras para financiar comunidades intencionais na Europa são tão diversas como as próprias comunidades - algumas compartilham suas economias e possuem empresas comunitárias. Outras cobram tarifas onde cada indivíduo contribui para ser um @membra residente. Poucas, como a própria Suderbyn, desenvolvem projetos com recursos externos para apoiar a comunidade e criar empregos para seus habitantes.

Financiar as operações de uma rede continental como a GEN Europa é um desafio, pois não vivemos todos juntos e necessitamos apoiar funções comuns de trabalho que devem ser alocadas em alguma comunidade. Temos a tradição de mudar a comunidade-sede aproximadamente a cada quatro anos e recentemente modificamos nosso endereço legal para a ZEGG, na Alemanha, e nossa sede para Arterra, na Espanha. Ao redor da metade da nossa renda não relacionada diretamente com projetos é destinada aos salários dos funcionários-residentes destas duas comunidades.

De onde vem esse dinheiro, aproximadamente 80 mil Euros por ano?

Os fundos do Gaia Trust cobrem aproximadamente 10% (talvez tenha sido um pouco mais este ano). A maior parte vem da nossa conferência anual: funcionários-residentes, conselho e voluntários entregam muitas horas não pagas à organização do evento e o resultado é normalmente entre 35 e 40% dos nossos ingressos. Outro ponto chave para complementar nossa renda é proveniente da anuidade paga pelas afiliações de comunidades, redes, membros de apoio e dos "Amigos da GEN Europa". Essas 300 afiliações geram ao redor de 20% da nossa renda. Os membros se comprometem a pagar uma cota anual de 100 a 600 Euros para fazer parte da rede, outros pagam ao redor de 30 Euros.



A GEN Europa trabalhava o conceito das "ecotarifas" - taxas relacionadas ao cálculo de ajuste dos preços de acordo ao nível de renda de cada país - importante durante os primeiros anos depois da queda da "cortina de ferro". Além disso, existem os custos gerais, onde a GEN Europa

demandava ao menos 5% do orçamento de todos os projetos financiados e realizados para contribuir com os custos de administração dos nossos escritórios. As doações também são componentes dignos de apreciação.

Parte dos recursos é devolvida aos membros em forma da gratuidade da taxa de inscrição e da isenção do pagamento dos cursos oferecidos durante a conferência anual. Temos também um orçamento para ajudar com as despesas de logística, proporcionando a assistência do conselho na Assembleia Anual Geral que ocorre justamente antes da conferência. Todas as finanças da organização são apresentadas aos membros na Assembleia Geral. Dois auditores eleitos são encarregados de analisar as finanças e reportar aos membros como os fundos foram usados. Os membros são aqueles que aprovam as contas e decidem sobre o orçamento do ano seguinte. Eu espero que esta transparência continue construindo confiança e possa reforçar nossa comunidade de maneira democrática.

Em 2015, tivemos uma situação financeira difícil e corremos o risco de entrar em falência; em 2016 seguimos sofrendo esse desafio financeiro. Como evoluir com nossas comunidades e redes é uma pergunta aberta, mas nos esforçamos para continuar com nosso alcance, comunicação e serviços de afiliação para o movimento das ecovilas na Europa e no Meio Oriente.

Fotos tomadas de <https://gen-europe.org/>

